

# DESGLOBALIZAÇÃO X REGLOBALIZAÇÃO: AS NOVAS MEGATENDÊNCIAS MUNDIAIS

Um dos mais consagrados articulistas do país, economista, doutor em Sociologia das Relações Internacionais pela USP, diplomata e diretor do BRICLab da Universidade Columbia (EUA) Marcos Troyjo esteve neste último mês de agosto em Curitiba, participando do Ciclo de Palestras “Pensando o Brasil” com o tema Reinventando a Globalização: as Novas Megatendências. O evento, que é promovido pelo Graciosa Country Club com o apoio do UniBrasil Centro Universitário, do Solar do Rosário e do escritório Casillo Advogados, reuniu personalidades de diversos segmentos da capital paranaense.



Marcos Troyjo.

Durante sua palestra, Troyjo expôs diversas questões que levaram ao atual cenário mundial, e fez um alerta sobre a posição do Brasil neste panorama. Segundo ele, a trajetória da globalização das nações mundiais ao longo dos últimos 25 anos vem se modificando sensivelmente, processo este que deve se prolongar até o ano de 2030. Mas afinal, o que é exatamente a “globalização”? Na visão do analista, ela é um ente orgânico, e que como tal vive várias fases. “Durante um determinado período as características são as mesmas, depois elas tendem a evoluir, ou ainda a involuir”, afirma.

Em sua fase inicial, conhecida como “globalização profunda”, e viabilizada com o final da Guerra Fria, representada pela queda do Muro de Berlim, em 1989, e pelo desmantelamento da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), o fenômeno se orientava pelos valores da economia de mercado e da democracia representativa, desempenhada pela proeminência política dos EUA, a ascensão da Ásia capitaneada pelo Japão e Tigres Asiáticos e a lógica da integração econômica e política regional, cujo exemplo maior era a União Europeia.

AUTORA:

**BEATRIZ ARAÚJO NEDEFF**  
MESTRE EM COMUNICAÇÃO E  
LINGUAGENS, JORNALISTA E  
ADVOGADA

Durante este período, que se prolongou até 2008, a globalização se apoiava em algumas ideias como, a disposição em renunciar a parte da própria cidadania em prol de uma comunidade econômica e a tendência à união supranacional. Datam desta época acordos como o NAFTA (que estabelecia uma cooperação mais intensa entre os países da América do Norte) e o Mercosul, que congregava Brasil, Argentina e Uruguai.

A partir de 2008, com a crise e a quebra bancária americana, o mundo ingressa em um novo conceito de globalização, que passa a ser conhecida como desglobalização. Movimentos como o “Occupy Wall Street”, o Brexit, (saída do Reino Unido da União Europeia) e a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América também caracterizam esta nova ordem mundial.

Trump rompe uma tradição histórica, em que a maior economia do mundo é também a voz mais potente na defesa do livre comércio. Não houve sequer um presidente americano, de Harry Truman (1945-1953) a Barack Obama (2009-2017), que não tenha defendido a abertura comercial.

Esta política “desglobalizadora” traz consequências imediatas. Uma delas é o abandono do TPP (Parceria Transpacífico), um acordo que envolvia não apenas tarifas e cotas, mas padrões e regras que se estendiam a áreas como a trabalhista, a ambiental, a propriedade intelectual e a de compras governamentais. Em paralelo, há uma política industrial protecionista que visa submeter empresas americanas a produzir no país, representando uma reversão das cadeias globais de produção e da eficiência trazida pela lógica das redes

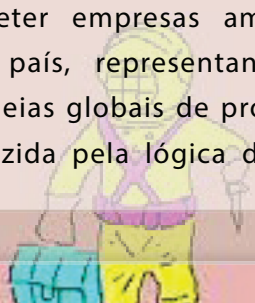
de suprimento mundiais, principal elemento dessa “desglobalização”.

Atores da cena econômica no Oriente, como o Japão, são ultrapassados pela China. Na América Latina, Chile, Colômbia, Paraguai e Uruguai, entre outros, se destacam na cena econômica do continente, enquanto que no Brasil e na Argentina a crise econômica e a recessão dominam este cenário momentâneo.

Nesse contexto, uma guerra comercial passa a figurar como preocupantemente possível. Se houver uma disputa cega entre as duas maiores economias do mundo — a dos EUA e a chinesa —, é plausível pensar que a lógica da escalada que conhecemos durante a Guerra Fria pode se reproduzir no âmbito do comércio, com imposição de tarifas punitivas e retaliações mútuas e crescentes, como já vem ocorrendo. Segundo Troyjo, neste cenário nebuloso de disputas comerciais, os norte-americanos têm tanto a perder quanto os chineses e o resto do mundo.

Mas, afinal, qual é o futuro que se projeta para uma nova etapa de colaboração econômica e comercial entre as nações do planeta? Segundo Troyjo, daqui a uma década o mundo vai entrar em uma fase de “reglobalização”. Isto não significa a retomada da “globalização profunda”, e sim a capacidade das economias de se moldarem competitivamente a este novo fenômeno.

De acordo com sua análise, o diplomata afirma que esse novo processo de globalização não ambicionará a comunhão de visões de mundo costurada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Estes esforços de integração das nações deverão estar concentrados no comércio, nos investimentos





e no fortalecimento de redes produtivas, processo esse que deve ser mais seletivo. “Os acordos deverão envolver, por um lado, os Estados Unidos e a Europa e, por outro, os EUA e países banhados pelo Pacífico nas Américas, Ásia e Oceania”, observa ele.

Outro fator decisivo para a reorganização dos fluxos globais será a conversão da China em uma economia de consumo e de elevado valor agregado. “A exemplo do que já vem acontecendo, a China se tornará um país de ‘extroversão’ econômica”. Atualmente, países como a Índia e o Vietnã estão assumindo o papel de fabricantes de produtos de baixo valor agregado. “Eles serão a China de ontem”, endossa.

E quanto ao Brasil e os países que desejarem prosperar? Segundo Troyjo, eles deverão ser capazes de redirecionar os seus excedentes para o incremento da inovação. “Esses

países serão os verdadeiros mercados reemergentes”, enfatiza.

Com mais um evento realizado brilhantemente por estas entidades voltadas à disseminação da cultura, a professora Liana Leão, diretora cultural do Graciosa Country Club, ressalta, em nome de todos os parceiros da iniciativa, a importância da presença do diplomata, professor e fundador do BRISClab da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, Marcos Troyjo. “Ele nos deu uma aula magna sobre geopolítica econômica, não apenas traçou o cenário atual como fez projeções para o futuro. Marcos Troyjo arrisca-se a prever o futuro, é um pensador ousado”.

Indispensável aos empresários, instrutivo para estudantes, complementar para professores, o palestrante encantou a plateia e foi aplaudido em pé por todos os presentes. ■

